IMPACTO DA GUERRA DA UCRÂNIA-RÚSSIA NA GEOPOLÍTICA DA FOME NOS PAÍSES DA ÁFRICA OCIDENTAL: CASO DA GUINÉ-BISSAU (2022-2023)[1]

Ivanildo Carlos Gomes[2]

RESUMO

Este artigo tem como o propósito principal compreender o impacto da guerra na Ucrânia no sistema agroalimentar guineense. Para isso, a pesquisa abrange temas relacionados às consequências desse conflito no setor agroalimentar do país, a crise alimentar que dele decorre e as questões de segurança e insegurança alimentar, que são fundamentais para a discussão em pauta. A investigação foi conduzida por meio de uma revisão de literatura, que incluiu a coleta de documentos e referências bibliográficas, seguida de uma análise qualitativa das informações obtidas através de entrevistas realizadas com questionários aplicados à população guineense. Para a realização deste estudo, foram obtidas informações de chefes de família na Guiné-Bissau, agricultores/ feirantes e pessoas que trabalham no governo, abrangendo três províncias: Norte (composta pelas regiões de Biombo, Cacheu e Oio), Leste (formada pelas regiões de Bafatá e Gabu) e Sul (incluindo as regiões de Bolama, Quinara e Tombali). A partir das respostas coletadas, realizamos análises qualitativas com base em critérios previamente definidos, que envolvem como a guerra alterou hábitos alimentares, influenciou o poder de compra, afetou a disponibilidade de alimentos, alterou a relação entre as zonas rurais e urbanas, e quais medidas o Estado guineense tomou para apoiar pequenos agricultores e a população em geral. Os resultados obtidos revelaram uma alteração nos hábitos alimentares das famílias guineenses, especialmente após o início do conflito armado, o que impactou de forma significativa a disponibilidade de alimentos. Essa situação afetou diretamente seu poder aquisitivo, uma vez que os preços dos produtos essenciais, como arroz, farinha e cereais infantis da Nestlé, sofreram aumentos consideráveis. Os entrevistados também apontaram que, em virtude da guerra, muitos agricultores enfrentam sérios desafios, desde a aquisição de insumos agrícolas para suas plantações até a comercialização dos produtos. O conflito bélico gerou uma considerável redução na disponibilidade de insumos e acarretou uma elevação nos preços de itens essenciais para a agricultura, como fertilizantes, por exemplo. Ademais, observa-se uma carência de políticas públicas por parte do governo da Guiné para apoiar sua população, especialmente aqueles envolvidos na agricultura e no comércio. Em suma, é possível afirmar que, além da guerra, há diversos fatores que têm afetado a crise alimentar no país, com ênfase nas questões políticas, a pandemia de COVID19 e mudança climática.

Palavras-chave: invasão da Ucrânia pela Rússia, 2022; segurança alimentar - Guiné-Bissau; geopolítica.

[1] Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Ivette Tatiana Castilla Carrascal.

[2] Bacharel em Humanidades e graduando em Relações Internacionais pela UNILAB.

ABSTRACT

The main purpose of this article is to understand the impact of the war in Ukraine on the Guinean agri-food system. To this end, the research covers topics related to the consequences of this conflict on the country's agri-food sector, the resulting food crisis, and issues of food security and insecurity, which are fundamental to the discussion at hand. The research was conducted through a literature review, which included the collection of documents and bibliographical references, followed by a qualitative analysis of the information obtained through interviews conducted with questionnaires applied to the Guinean population. To carry out this study, information was obtained from heads of households in Guinea-Bissau, farmers, market vendors, and people working in the government, covering three provinces: North (composed of the regions of Biombo, Cacheu, and Oio), East (formed by the regions of Bafatá and Gabu), and South (including the regions of Bolama, Quinara, and Tombali). Based on the responses collected, we conducted qualitative analyses based on previously defined criteria, which include how the war changed eating habits, influenced purchasing power, affected food availability, altered the relationship between rural and urban areas, and what measures the Guinean State took to support small farmers and the population in general. The results obtained revealed a change in the eating habits of Guinean families, especially after the start of the armed conflict, which significantly impacted food availability. This situation directly affected their purchasing power, since the prices of essential products, such as rice, flour and Nestlé baby cereals, increased considerably. The interviewees also pointed out that, due to the war, many farmers face serious challenges, from acquiring agricultural inputs for their crops to marketing their products. The armed conflict caused a considerable reduction in the availability of inputs and led to an increase in the prices of essential items for agriculture, such as fertilizers, for example. Furthermore, there is a lack of public policies on the part of the Guinean government to support its population, especially those involved in agriculture and trade. In short, it is possible to state that, in addition to the war, there are several factors that have affected the food crisis in the country, with an emphasis on political issues, the COVID-19 pandemic and climate change.

Keywords: Russian invasion of Ukraine, 2022; food security - Guinea-Bissau; geopolitics.

1 INTRODUÇÃO

O confronto entre a Rússia e Ucrânia está causando impactos significativos na economia global. Essas repercussões se fazem sentir em várias áreas do comércio internacional. A guerra entre os dois países afetou negativamente a produção e a comercialização de diversos bens e serviços, como gás, fertilizantes e alimentos. Especialistas alertaram que os efeitos desse conflito não se limitariam apenas aos países envolvidos, mas se estenderiam por todo o mundo, especialmente afetando economias mais frágeis. Nessa mesma linha de raciocínio, o secretário-

geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, ao apresentar o relatório do Grupo de Resposta à Crise Global (2023), descreveu os impactos tridimensionais dessa guerra: uma crise alimentar, energética e financeira, evidenciando um impacto de alcance global e sistêmico.

Estes impactos em três dimensões têm representado um desafio significativo para muitos países, especialmente os mais vulneráveis e "pobres", cuja mais da metade das importações de trigo vêm da Rússia e da Ucrânia. Um relatório da ONU aponta que estamos à beira de uma crise global, devido ao aumento da inflação e à redução do poder de compra resultantes dessa guerra, o que impacta negativamente as perspectivas de crescimento econômico e acaba por aumentar os níveis de endividamento das economias em desenvolvimento (ONU, 2023b).

A guerra entre Rússia e Ucrânia impactou, de forma direta ou indireta, o fornecimento e a segurança alimentar global, como previsto. Esses países, em conflito, são os maiores exportadores mundiais não apenas de trigo, mas também de diversos outros produtos e materiais. Conforme reportagem da Deutsche Welle Brasil (2022), juntos, eles são responsáveis por um terço das exportações globais de trigo, além de representarem 20% das exportações de milho e 80% das vendas de óleo de girassol em todo o mundo. Sendo assim, qualquer confronto entre eles acaba afetando a disponibilidade de alimentos e produtos nos mercados internacionais e, por consequência, nos mercados domésticos de outros países que dependem dessas importações.

Para iniciar, é relevante mencionar que o conflito entre duas nações teve início com a invasão da Ucrânia pela Rússia em 24 de fevereiro de 2022, por meio de uma operação militar referida pelo presidente russo como “operação militar especial”. Essa ação foi justificada como uma medida unilateral para proteger as repúblicas separatistas localizadas na região do Donbass, no leste da Ucrânia (Figueira e Russo, 2023). Segundo os mesmos autores, a importância geopolítica das regiões russas e ucranianas remonta à história, com conflitos entre esses territórios datados do século XVI. Desde a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1991, a Ucrânia assumiu o papel de uma zona-tampão entre as fronteiras do Oriente e do Ocidente (Figueira; Russo, 2023).

No entendimento de Figueira e Russo (2023, p.1), a invasão à Ucrânia Foi uma “resposta do governo russo ao “alargamento” das fronteiras da aliança militar da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) para o leste europeu, sobretudo após a invasão dos próprios russos à Península da Crimeia, no sul da Ucrânia, em 2014, território originalmente cedido à Ucrânia

pelo regime soviético em 1954". E atualmente, desde a invasão às regiões ucranianas de Donetsk, Lugansk, Zaporíjia e Quérson, já foram anexadas ao Estado russo.

Pouco tempo depois do ataque à Ucrânia, as medidas restritivas começaram a ser aplicadas ao governo, às empresas e aos principais indivíduos da Rússia. Essas medidas estão sendo principalmente direcionadas ao governo russo pelos Estados Unidos e pela União Europeia, levando à paralisação de diversos serviços de empresas de comunicação e transporte em território russo. Segundo Fazcomex (2023), a invasão russa resultou na imposição de sanções internacionais por vários países, buscando isolar o país no mercado global e controlar rigorosamente suas exportações, afetando diretamente seu acesso a tecnologias avançadas.

Com o passar do tempo, essas restrições foram ampliadas ainda mais. Como resultado, sete grandes bancos foram retirados do sistema Swift, o que teve impactos imediatos nos meios de pagamento em transações internacionais com a Rússia. Além disso, houve o fechamento do espaço aéreo para aeronaves russas e o bloqueio de 22 empresas e entidades russas do setor de Defesa, incluindo fabricantes de aviões de combate, veículos blindados, sistemas de guerra eletrônica, mísseis e drones pelos Estados Unidos da América (Fazcomex, 2023). Tudo isso demonstra como essas sanções têm contribuído para reduzir a presença do país e isolá-lo do mercado global.

Além das restrições impostas pelos Estados, o país enfrentou sanções de algumas empresas de comunicação, levando à suspensão de suas atividades em território nacional[3]. É evidente que o país está enfrentando um isolamento internacional não apenas no setor da comunicação, mas também no ramo marítimo com as duas maiores empresas de transporte do mundo — Maersk e MSC Cargo — que suspenderam seus serviços após a invasão. Essa situação resultou em uma queda nas exportações do país e contribuiu para escassez de alimentos.

Não foi somente o governo russo que sofreu com as restrições e sanções impostas, figuras proeminentes e empresas do país também enfrentaram as consequências. No total, quase 1800 pessoas e entidades foram alvo dessas medidas. Entre eles estão o presidente da Rússia, Vladimir Putin, o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov, o ex-presidente da Ucrânia, Viktor Yanukovych, Yevgeny Prigozhin e líderes do grupo Wagner, membros do Conselho Nacional de Segurança e do Conselho Federal da Rússia, ministros, governadores,

[3] Por exemplo, a Meta (empresa responsável pelo Facebook, Instagram e Threads), Twitter, Netflix, YouTube, Snapchat e Walt Disney, juntamente com grandes nomes como McDonald's, Coca-Cola, Visa, Toyota, Nike, ExxonMobil, Shell e Total. Em termos esportivos, a Adidas encerrou sua parceria com o país e até mesmo a FIFA (Federação Internacional de Futebol) e a UEFA (União das Associações Europeias de Futebol) excluíram a Rússia de competições internacionais futuras, incluindo a Copa do Mundo de 2022 no Catar (Fazcomex, 2023).

políticos, militares, empresários e propagandistas, de acordo com informações do Conselho da União Europeia (2023).

Com todas as restrições e sanções impostas ao Estado russo e à sua população desde a invasão da Ucrânia, o país buscou maneiras de revertê-las. De acordo com um estudo realizado pelo Conselho da União Europeia em 2023, a Rússia suspendeu a exportação de diversos produtos para a União Europeia. Entre eles estão: petróleo bruto, produtos petrolíferos refinados, carvão e outros combustíveis fósseis sólidos, aço, produtos siderúrgicos e ferro, ouro e joias, cimento, asfalto, madeira, papel, borracha sintética e plástico, produtos do mar, licores, cigarros e cosméticos. Essa foi uma forma encontrada pelo país para lidar com as restrições que vinha sofrendo.

Em linhas gerais, é possível compreender que as restrições e sanções impostas ao Estado russo após sua invasão à Ucrânia afetaram diversos setores. Desde suas relações políticas com outros países, que foram severamente limitadas, até a logística de comunicação e transporte, incluindo aéreo e marítimo. Um dos impactos mais significativos dessas sanções foi o congelamento de ativos de indivíduos e entidades. De acordo com o Conselho da União Europeia (2023), aproximadamente "21,5 € mil milhões de bens foram congelados na União Europeia e 300 € mil milhões de bens do Banco Central da Rússia bloqueados na União Europeia e nos países do G7[4]".

Com um enfoque mais direcionado para o continente africano, essa guerra tem ocasionado mudanças em diversas esferas. Segundo Abbas *et al.* (2021), citado por Abbas (2023), os países africanos são altamente suscetíveis a conflitos externos, especialmente aqueles relacionados a questões geopolíticas, como a guerra entre Rússia e Ucrânia, a pandemia de coronavírus, instabilidades políticas e econômicas globais, e mudanças climáticas. A crise da COVID-19, por exemplo, evidenciou quão rapidamente suas economias e sistemas alimentares podem ser afetados devido às complexas interconexões e interdependências dentro desse sistema (Máriam Abbas, 2023; Banco Africano de Desenvolvimento, 2022; Frédéric Monié, 2020).

Conforme o relatório do Banco Africano de Desenvolvimento, é explicado que as economias dos países africanos foram impactadas pela pandemia de COVID-19 e pelo conflito entre Rússia e Ucrânia. Esses impactos têm sido significantes e tendem a perdurar. O relatório indica que aproximadamente 30 milhões de pessoas foram empurradas para a pobreza extrema em África em 2021, com a perda de 22 milhões de empregos devido à pandemia. A previsão é

[4] É um grupo que reúne os países das principais economias do mundo e nomeadamente são: Alemanha, Canadá, Estados Unidos da América, França, Itália, Japão e Reino Unido.

que essa tendência continue, uma vez que as perturbações econômicas causadas pelo conflito Rússia-Ucrânia podem levar mais 1,8 milhões de pessoas ao extremo da pobreza em 2022 no continente africano, podendo aumentar para 2,1 milhões em 2023 (Banco Africano de Desenvolvimento, 2022).

Durante este conflito, testemunhamos um aumento nos preços em várias áreas diferentes, que variam desde o aumento dos valores dos fertilizantes e do petróleo até a alta dos preços dos alimentos. Esse aumento de custos, por sua vez, acaba resultando na redução do poder de compra das populações, especialmente as mais vulneráveis, já que seus rendimentos não acompanham a escalada dos preços no mercado global. A guerra entre Rússia e Ucrânia está diretamente ligada à crise alimentar global que estamos enfrentando atualmente, devido à diminuição das exportações de alimentos para outros países, à queda na produção mundial de alimentos e aos estoques alimentares nos dois países que não podem ser facilmente exportados por causa do conflito armado. Isso gera aumento na demanda por alimentos e consequentemente provoca uma crise alimentar acompanhada de insegurança alimentar, principalmente em nações que dependem muito da importação para abastecer seus mercados internos.

Dessa forma, o propósito deste artigo é responder à pergunta que se segue: Como a guerra entre a Rússia e a Ucrânia impactou o sistema agroalimentar guineense? Portanto, o objetivo geral do atual estudo é compreender o impacto da guerra na Ucrânia no sistema agroalimentar guineense. Para atingir esse objetivo geral, pretendemos alcançar os seguintes objetivos específicos: identificar os elementos desencadeadores da crise alimentar global devido ao conflito Rússia-Ucrânia; elucidar/explicar as recentes transformações nos padrões alimentares da Guiné-Bissau; e por fim, descrever de que forma a crise alimentar provocada pela guerra Ucrânia-Rússia influenciou a dinâmica entre zona rural e urbana na Guiné-Bissau.

A abordagem metodológica adotada neste artigo foi a revisão de literatura, incluindo levantamentos documentais e bibliográficos, seguida de uma análise qualitativa dos dados obtidos através de entrevistas. Essas entrevistas foram realizadas por meio de questionários e todos os questionamentos foram realizados por meio virtual, através de aplicativo de mensagem WhatsApp, com um documento em formato Microsoft Word, contando com as perguntas elaboradas e espaços para respostas, dirigidos a diferentes grupos da população guineense, residentes em várias províncias do país, e os dados também foram coletados pelo o mesmo meio.

Para atingirmos os resultados que almejamos, realizamos entrevistas com um total de dez (10) indivíduos, sendo três (3) do sexo feminino e sete (7) do sexo masculino, cuja idade varia entre vinte e seis (26) e quarenta e cinco (45) anos. As entrevistas foram conduzidas

através de dois questionários distintos: um voltado para chefes de família[5] e/ou agricultores que atuam em feiras, e o outro destinado a servidores públicos. Das dez (10) respostas coletadas, sete (7) provêm de chefes de família e/ou agricultores feirantes, enquanto três (3) pertencem a funcionários do governo. A maior parte das respostas veio de pessoas residentes na província Norte do país, que abrange as regiões de Biombo, Cacheu, Oio e o sector autônomo, seguida pela província Leste, que inclui as regiões de Bafatá e Gabu, e pela região Sul, composta por Bolama, Quinara e Tombali.

Este artigo está dividido em cinco partes, com a exceção da introdução e as considerações finais. Durante o texto, são analisadas questões importantes, que incluem o conflito entre a Rússia e a Ucrânia e suas repercussões no sistema alimentar da Guiné. Conceitos essenciais, como segurança alimentar, insegurança alimentar, dependência, e a geopolítica da fome são debatidos para ajudar na compreensão do tema. Por fim, ressalta-se a relevância a necessidade de Estado guineense criar vínculos entre agricultura, alimentação e saúde, com o objetivo de salvaguardar a vida das pessoas.

2 A GUERRA ENTRE UCRÂNIA E RÚSSIA E A GEOPOLÍTICA DA FOME

Na seção inicial, realizamos uma análise teórica com o objetivo de explicar a escolha do termo "Geopolítica da fome" no título e de que maneira isso contribui para entendermos as repercussões dessa guerra em outras nações. Neste sentido, no artigo se utiliza o termo "Geopolítica da fome" no título para ilustrar como as ações resultantes do conflito entre a Ucrânia e a Rússia afetam outras nações, mesmo que essas estejam geograficamente distantes ou não pertençam ao mesmo continente. Essa escolha se fundamenta na capacidade desse termo de nos ajudar a compreender os eventos que se desenrolam em contextos transnacionais, movidos por interesses e poderes diversos. Nesse contexto, é importante destacar que a Geopolítica é um conceito com polissêmico e foi introduzido pela primeira vez pelo jurista sueco Rudolf Kjellén entre 1901 e 1905, em publicações de seu país, ganhando reconhecimento internacional por meio de sua obra principal, “O Estado como forma de vida” (Staten som livsform, no original em sueco), lançada em 1916, (Penha, 2007).

De maneira geral, a geopolítica pode ser compreendida como a interconexão entre o território e o poder. Como enfatizado por Penha (2007), o termo geopolítica:

[5] Empregamos o termo “chefe de família” para designar a pessoa responsável por assegurar que a família disponha de recursos financeiros, alimentação, habitação, vestuário e educação.

> Ao tratar de problemas como traçado de fronteiras, formação de novos Estados, conflitos étnicos/territoriais, expansionismo e equilíbrio de forças no cenário mundial, está se referindo a essa ideia-chave de Friedrich Ratzel[6], que buscava justificar a importância dos fatores geográficos na formulação da política de um Estado, em sua projeção espacial como potência regional ou mundial (Penha, 2007).

Quando se trata do conceito de "Geopolítica da fome", trazemos à tona a contribuição de Josué de Castro, Jean Ziegler, entre outros autores a fim de explorarmos mais a fundo esse tema. Por muito tempo, foi ensinado que a fome era simplesmente resultado da insuficiência de alimentos para sustentar as populações, das alterações climáticas, das guerras ou até mesmo do crescimento populacional. Essa era a percepção predominante sobre as causas da fome no mundo e mencionar o assunto era considerado um tabu. Foi somente em 1946 que Josué de Castro desafiou essa ideia com seu estudo intitulado "Geografia da Fome". Em sua obra, Castro evidenciou que as razões e impactos da fome no Brasil não se resumem apenas à escassez física de alimentos, à limitação dos recursos naturais, ao aumento da população, às guerras ou às mudanças climáticas, mas também incluem influências políticas, sociais, culturais e econômicas.

Josué de Castro empreendeu tal pesquisa visando compreender a realidade da fome em diversas regiões do Brasil, investigando suas origens e ramificações. A partir disso, chegou-se à conclusão de que a fome não deriva diretamente da quantidade de alimentos disponíveis ou do tamanho da população, mas sim da desigual distribuição de riquezas no país. Esse estudo acabou por influenciar outra de sua obra intitulada "Geopolítica da Fome" em 1955, na qual é realizada uma análise sobre a questão da fome em nível internacional e regional, destacando especialmente os continentes: Americano, Africano, Asiático e Europeu. Isso comprova que a fome também é fruto da má distribuição de riqueza e das consequências da colonização, que resultaram em mudanças nos hábitos alimentares e na dependência de alguns países em relação a outros.

Seguindo essa linha de pensamento, Jean Ziegler, em sua obra “Destruição em Massa: Geopolítica da Fome”, examina a questão da fome global e suas causas profundas, ressaltando que a fome não é resultado da escassez de alimentos, mas sim da dificuldade de acesso e da má distribuição. Essa situação é agravada por políticas econômicas e interesses empresariais. Ziegler defende que a fome é uma questão geopolítica que atinge de maneira mais severa os países do hemisfério Sul, onde reside a maior parte da população que passa fome (Ziegler, 2012).

[6] Considerado um dos precursores da geopolítica, sobretudo em seus estudos pelos fatores espaço (“raum” área ocupada por um Estado) e posição (“lage” situação geográfica), origem do termo “lebensraum” (espaço vital), (Bonfim, 2005).

Ademais, houve uma explicação fornecida pelos EUA sobre a questão da fome global, a qual relacionou esse fenômeno social à baixa produtividade da agricultura nos países periféricos. Como solução, foi sugerido que esses países adotassem um “pacote tecnológico”, conhecido também como “Revolução Verde”. Esse pacote se fundamentou na modernização da agricultura, que inclui a formalização do trabalho rural, o uso de fertilizantes e pesticidas, além da aquisição de tratores. No entanto, embora essa abordagem pareça uma solução viável, na realidade, trata-se de uma estratégia que aprofundou as relações assimétricas entre as nações desenvolvidas e as em desenvolvimento, reforçando o papel do sul global na divisão internacional do trabalho, onde se configura como fornecedor de matérias-primas e consumidor de tecnologia e produtos industrializados (Monerato *et al.*, 2023).

Sob uma nova luz, o estudo de Monerato *et al.* (2023) intitulado "Geopolítica da fome: a armadilha das commodities (1970 a 2021)" enfatiza a fome como um fenômeno de naturezas políticas. A pesquisa destaca que o controle do comércio internacional de alimentos tornou-se uma ferramenta crucial na formação da nova ordem geopolítica, com a liderança dos EUA, especialmente entre as décadas de 1950 e 1970. Durante esse período, o governo norte-americano exerceu influência sobre os excedentes agrícolas e a administração de estoques públicos, como os grãos, o que permitiu a criação de uma política de ajuda humanitária que redistribuía esses excedentes de acordo com interesses geopolíticos. Isso ocorria tanto por meio de contratos a preços fixos quanto por doações de alimentos via instituições internacionais, como o Programa Mundial de Alimentos (PAM) e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID).

Outros episódios que demonstram a fome como um fenômeno político incluem a guerra do Vietnã e os cheques de petróleo na década de setenta. Como indicado por Castilhos (1976) e Henni (1976), durante o agravamento da guerra do Vietnã, a economia dos Estados Unidos entra em recessão, gerando uma crise inflacionária do dólar e sua consequente desvalorização no mercado global. O presidente Richard Nixon (1969-1974) implementou medidas reformistas, especialmente na política de assistência humanitária, com uma redução drástica dos estoques públicos e a transferência do controle dos preços dos alimentos no mercado mundial para o agronegócio e as multinacionais de processamento de alimentos. Essa escolha teve um efeito direto sobre as nações exportadoras de petróleo, em especial aquelas do Oriente Médio, que dependiam da importação de alimentos. Adicionalmente, a crise do petróleo de 1973 provocou uma disputa entre os Estados Unidos e os países produtores de petróleo, onde os americanos ameaçavam retaliar o Oriente Médio devido ao embargo e ao aumento nos preços

do petróleo, sugerindo restringir o fornecimento de alimentos, o que poderia encarecer esses produtos no mercado global (Castilhos, 1976; Henni, 1976, *apud* Monerato *et al.*, 2023).

Nesta mesma perspectiva, as contribuições de Lima et al, (2019), mostraram que as causas da fome nos dias de hoje são em algumas medidas resultados das ações humanas, como mostra esta citação;

> Ainda que nem toda fome tenha causas humanas, é possível dizer que desde meados do século XX toda fome tem sido permitida pelos humanos. Em outras palavras, se existem alimentos e meios técnicos de fazê-los chegar aos famintos, somente há pessoas subnutridas porque não há política que determine o fornecimento de alimentos àquelas pessoas (Sem *apud* Lima *et al*., 2019).

Deste modo, tanto a citação de Lima et al. (2019) quanto os de cima supracitados nos possibilitam ter uma compreensão genuína sobre a questão da fome, demonstrando que suas origens não se restringem exclusivamente aos efeitos das mudanças climáticas, crises econômicas, crescimento populacional, conflitos armados, entre outros. Pelo contrário, tudo isso é influenciado pela lógica da política econômica e pela busca crescente por influência em outros países. Neste sentido, Pérez (2022), destaca que, atualmente os alimentos são utilizados como instrumentos de interesses geopolíticos e ressalta que:

> A utilização do alimento como arma de guerra não é algo novo dentro do cenário internacional. Esse tema reveste-se de importância para atual conjuntura internacional, visto que ainda se verifica que vários países são alvos, tanto de Estados quanto de atores não estatais, do uso da restrição alimentar para obtenção de favorecimentos políticos, geopolíticos e econômicos (Pérez, 2022).

Assim, ao refletir sobre tudo que foi abordado até o momento, é possível perceber que a fome se revela como um fenômeno geopolítico que impacta, em sua maioria, os países do Sul Global. Em diversas situações, os alimentos foram empregados como uma "arma de guerra" para garantir vantagens políticas de uma nação sobre outra.

3 SEGURANÇA E INSEGURANÇA ALIMENTAR NA GUINÉ-BISSAU

De uma maneira geral, antes de ingressarmos nessa discussão sobre a questão da insegurança alimentar e a segurança alimentar no país, reconhecemos que é de extrema relevância debatermos alguns conceitos como da própria fome, da segurança alimentar, da insegurança alimentar e da má nutrição como forma de ajudar na melhor compreensão desse

assunto. Diante dessa situação, de acordo com o que foi esclarecido pela própria Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura - FAO, a fome é “uma sensação desconfortável ou dolorosa causada por energia insuficiente da alimentação. Privação de alimentos; não comer calorias suficientes. Usado aqui de forma intercambiável com subalimentação (crônica). Medido pela prevalência de subalimentação” (FAO, 2023). Quanto ao conceito de segurança alimentar conforme definido na Declaração de Roma sobre Segurança Alimentar Mundial de 1996, é importante ressaltar que a segurança alimentar só é alcançada:

> Quando as pessoas têm, a todo momento, acesso físico e econômico a alimentos seguros, nutritivos e suficientes para satisfazer as suas necessidades dietéticas e preferências alimentares, a fim de levarem uma vida ativa e sã. A este respeito é necessária uma ação concertada, a todos os níveis. Cada país deverá adoptar uma estratégia, segundo os seus recursos e capacidades, para alcançar os próprios objetivos e ao mesmo tempo cooperar, no plano regional e internacional, na organização de soluções coletivas dos problemas mundiais de segurança alimentar. Num mundo de instituições, sociedades e economias cada vez mais ligadas, é imprescindível coordenar os esforços e compartilhar as responsabilidades (World Food Summit, 1996).

Entretanto, é importante ressaltar um aspecto crucial nessa definição: a afirmação não se limita apenas ao acesso físico, econômico e nutricional a alimentos em quantidade adequada para atender às necessidades, mas também leva em conta as estratégias, recursos e capacidades de cada nação para atingir esses objetivos estabelecidos. Dessa forma, fica claro que discutir a segurança alimentar implica tratar de ações voltadas ao combate à fome e a outras circunstâncias que dificultam que as pessoas tenham uma vida saudável e ativa, fundamentada na alimentação e no acesso a alimentos.

A insegurança alimentar por sua vez é a situação em que há escassez de alimentos essenciais para nutrir e manter a saúde de uma pessoa. A dificuldade de acesso à comida pode ter diversas origens, seja social, econômica ou física, de acordo com Bars Over Bottles (2022). Em resumo, ambos os conceitos destacam a preocupação não apenas com a falta de acesso e disponibilidade de alimentos para a população, mas também com a necessidade de garantir recursos físicos e econômicos para adquirir alimentos nutritivos, suficientes e seguros.

Há três diferentes níveis de insegurança alimentar, sendo eles: insegurança alimentar leve, insegurança alimentar moderada e insegurança alimentar grave. De acordo com a FAO, a insegurança alimentar moderada se caracteriza pela incerteza em adquirir alimentos, com o risco de pular refeições, acabar sem comida e se ver obrigado a comprometer a qualidade e/ou quantidade dos alimentos consumidos. Já a insegurança alimentar grave é quando não se tem comida, passando fome e, em casos extremos, chegando a ficar sem se alimentar por um dia ou

mais (FAO, 2023). Segundo a Escola Brasileira de Medida Domiciliar de Insegurança Alimentar (EBIA), a insegurança alimentar leve ocorre quando a qualidade da alimentação é prejudicada em detrimento da manutenção da quantidade considerada adequada (EBIA *apud* Glossário Saúde Brasil, 2022).

No tocante a agricultura e a produção de alimentos neste país trazemos dois conceitos importantíssimo para melhor o entendimento. Os referidos conceitos são o sistema agroalimentar e agricultura familiar. No que diz respeito ao sistema agroalimentar é definido pelo Caiazza e Volpe (2012):

> Como uma combinação de instituições, atividades e empreendimentos que, coletivamente, desenvolvem e fornecem insumos materiais para a agricultura e a produção de produtos primários e, posteriormente, transformam, processam, transportam, comercializam e distribuem alimentos e outros produtos agroalimentares aos consumidores (Caiazza; Volpe, *apud*, Schneider *et al*., 2016).

Para melhor contextualização e devido à falta de documentos sobre o conceito de agricultura familiar no contexto guineense recorremos ao conceito brasileiro estabelecido pela Lei n° 11.326, de 24 de julho de 2006, no seu artigo 3, para os efeitos desta Lei, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

> i) não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; ii) utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; iii) tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; iv) dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (Câmara dos Deputados, 2006).

Um outro conceito que merece ser destacado aqui é a Má nutrição, que de acordo com a visão da FAO, refere-se à "condição relacionada a deficiências, excessos ou desequilíbrios na ingestão de macro e/ou micronutrientes". Por exemplo, desnutrição e obesidade são consideradas formas de má nutrição. O retardo no crescimento infantil ou atraso no desenvolvimento são sinais de subnutrição (FAO, 2023).

Com base nisso, a fim de entendermos e refletirmos de maneira mais clara sobre a disparidade entre a insegurança alimentar e a segurança alimentar entre as populações da Guiné-Bissau que residem nas áreas urbanas e aquelas que vivem nas zonas rurais, recorremos à contribuição de Santy (2021), que destacou:

> A situação de maior insegurança alimentar ocorre nas zonas periféricas das cidades, e cresce nas zonas rurais onde vivem 79 por cento da população. A elevada taxa de pobreza em Guiné-Bissau possui maior incidência na população feminina, sendo que representa 51 por cento dos que vivem na extrema pobreza (menos de US$2 por dia) (Santy, 2021. p. 35).

De maneira geral, percebe-se que a insegurança alimentar é mais preocupante nas áreas rurais e periféricas das cidades da Guiné-Bissau do que no centro urbano. Além disso, a insegurança alimentar está associada à desigualdade de gênero no país, sendo as mulheres a maioria das pessoas afetadas por essa condição.

Ao discutir os hábitos alimentares da população da Guiné, é fundamental considerar que se trata de uma sociedade composta por um rico mosaico social, etnias, com uma variedade de grupos étnicos, cada um possuindo suas próprias línguas, costumes, culturas, tradições e crenças. Apesar dessa diversidade étnica, a alimentação no país é predominantemente centrada em cereais, frutas e tubérculos, resultando em hábitos alimentares que não são muito variados, sendo o arroz o principal componente da dieta alimentar. O arroz é geralmente servido com um molho, preparado com peixe, carne, tubérculos, frutos do mar, legumes, óleos vegetais, amendoim e folhas verdes, entre outros ingredientes.

Em relação ao hábito alimentar e comportamento alimentar, é preciso começar notando, junto com autores como Fontes et al. (2011), que hábito alimentar refere-se à adoção de um tipo de prática relacionada a tradições consolidadas ao longo do tempo e que perpassam diferentes gerações. Isso envolve as oportunidades reais de acesso aos alimentos e uma sociabilidade que é formada tanto no contexto familiar e comunitário quanto enriquecida e atualizada por outras esferas da vida social (Fontes et al. *apud*, Vaz; Bennnemann, 2014).

No que se refere ao comportamento alimentar, que tem uma origem latina, segundo Aitzingen (2011).

> Trata-se de algo muito complexo, pois comer é um ato social que vai para além das necessidades básicas de alimentação, indispensável ao desenvolvimento dos valores vitais, comum a todo ser humano, além de estar associado com as relações sociais, às escolhas inseridas em cada indivíduo através de gerações e às sensações proporcionadas pelos sentidos. No momento da alimentação o indivíduo busca atender suas necessidades fisiológicas e hedônicas (prazerosas). Jamais definido a partir do indivíduo como algo único, mas sim a partir de suas relações com o meio (Aitzingen, apud, Vaz; Bennemann, 2014).

Em suma, podemos observar que o comportamento alimentar não deve ser encarado apenas sob a perspectiva do indivíduo isolado, mas sim em relação à sua interação com a sociedade como um todo. Nesse contexto, consideramos relevante discutir os fatores que

influenciam e moldam as decisões alimentares. De acordo com Vaz e Bennemann (2014), esses fatores incluem: “Escolaridade e renda; Mídia; Peso e Imagem Corporal; Cultura; Ambiente familiar; e Psicológicos”.

De maneira detalhada, fica claro como a baixa escolaridade e a baixa renda podem impactar as escolhas alimentares, especialmente na Guiné-Bissau. Produtos com maior valor nutricional, ou seja, mais saudáveis, tendem a ter um custo mais elevado, o que representa um desafio para as famílias que não cultivam seus próprios alimentos e precisam comprar. Quanto à mídia, é evidente como os programas de televisão afetam a seleção de alimentos e brinquedos, influenciando as compras familiares de acordo com esses desejos. Além disso, peso e imagem corporal são fatores que exercem uma grande influência nas decisões alimentares, já que a insatisfação com o próprio corpo pode levar a restrições na alimentação. A cultura exerce uma forte influência nas preferências alimentares, variando conforme a sociedade, as tradições, as crenças e as religiões de cada grupo (Vaz; Bennemann, 2014).

Na Guiné-Bissau segundo Joaquim Júnior *et al.* (2021) o arroz é um dos principais alimentos, senão, o mais consumido de toda a população guineense, ou seja, o arroz é a base alimentar da população guineense. No entanto, é importante ressaltar que o país depende fortemente da importação deste alimento, uma vez que a produção nacional cobre apenas cerca de 50% das necessidades alimentícias da população. Assim sendo, a produção interna não é suficiente para suprir todas as necessidades do país, levando à importação como forma de abastecimento dos mercados locais. A Índia e a China são os principais fornecedores de arroz para a Guiné-Bissau nesse contexto.

A economia e a estrutura social da Guiné-Bissau são amplamente moldadas por duas principais mercadorias: o caju e o peixe. Os atores centrais do sistema alimentar incluem os cultivadores de caju, os produtores de arroz, o governo, as grandes empresas de importação e exportação, os compradores independentes de caju de outros países, os pescadores, os pecuaristas e os consumidores. No país, observa-se que muitos agricultores preferem cultivar caju, uma escolha influenciada por condições ecológicas favoráveis, escassez de mão de obra, habilidades específicas requeridas, mudanças climáticas, além das atuais condições socioeconômicas e políticas. No entanto, essa forte dependência do caju para a subsistência resulta em uma agricultura que carece de diversificação e da vitalidade necessária para promover práticas agrícolas sustentáveis e melhorar as condições de vida rural. Isso, por sua vez, tem levado a uma diminuição na produção de outros alimentos, principalmente arroz o que impactou a segurança alimentar e nutricional (Maccari *et al*., 2022).

A indústria pesqueira foca na comercialização de licenças de pesca para embarcações estrangeiras, o que gera uma contribuição significativa para o orçamento do país. Apesar de o peixe ser a principal fonte de proteína animal, as cadeias de valor da pesca artesanal permanecem subdesenvolvidas, assim como acontece com outros produtos alimentares provenientes do território nacional, resultando em um efeito negativo sobre a disponibilidade de uma alimentação diversificada. Ademais, a pesca artesanal e tradicional, embora seja uma fonte vital de alimento, é frequentemente negligenciada pelo governo e não é plenamente explorada como um setor econômico. O setor pecuário também enfrenta descaso, mesmo sendo uma importante fonte de sustento em regiões áridas. Vale destacar que muitos pescadores atuam essencialmente como agricultores, dedicando-se à pesca como uma atividade complementar à sua subsistência e já se envolvem também no cultivo de caju (Maccari *et al.*, 2022).

O sistema de alimentação na Guiné depende em grande parte de importações para se manter, especialmente a importação do item mais consumido pelo seu povo e de outros produtos essenciais. As exportações do país são lideradas pela castanha de caju e pela pesca, o que acaba prejudicando a segurança alimentar e nutricional da população, já que peixes de qualidade acabam sendo exportados, restando para o consumo interno produtos de menor qualidade em comparação com os exportados. Devido à agricultura, às mudanças climáticas e à situação econômica, muitas pessoas têm migrado de outros tipos de cultivo para a produção de caju. Além de ser o principal produto exportado pelo país, o caju é altamente resistente e facilmente adaptável às mudanças climáticas em comparação com outras culturas agrícolas locais.

A alimentação do país se baseia em cereais, tubérculos e agricultura de subsistência, abrangendo a produção de arroz, mandioca, feijão, milho, amendoim, bovinos, suínos, aves, entre outros. A pesca artesanal também desempenha um papel crucial, especialmente em algumas regiões. A vulnerabilidade do sistema alimentar decorre da alta dependência nas exportações para se manter, o que expõe o país a conflitos externos e afeta diretamente a vida de sua população. Um exemplo disso foi o conflito entre Ucrânia e Rússia, que teve um impacto significativo na população, levando-os a adotar novas medidas para garantir a sobrevivência.

A Guiné-Bissau passou por mudanças significativas nos padrões alimentares da sua população e no seu sistema econômico e social. Isso se deu devido à falta de diversificação na produção de alimentos. Segundo Mané (2021), o país adotou, após a independência, um modelo econômico centralizado, semelhante aos países do Leste europeu. Nesse modelo, o Estado passou a controlar quase todos os setores da economia, nacionalizando empresas coloniais e mantendo sob controle a importação de produtos básicos como arroz, além de produtos para exportação como amendoim e algodão. Com o tempo, houve uma transição desse sistema econômico estatal

para um modelo mais liberal, em que as regras são ditadas pelo mercado e não pelo Estado. Essas mudanças tiveram impactos significativos na vida das pessoas que viviam sob um sistema econômico que não correspondia à sua realidade.

4 CONFLITO RÚSSIA-UCRÂNIA E CRISE ALIMENTAR

Há mais de um ano que se deu início ao conflito entre a Rússia e a Ucrânia. Esta guerra trouxe diversas repercussões ao redor do mundo, indo desde a perda de vidas de civis e militares até a crise dos refugiados. Além disso, a contenda entre esses dois países também teve impacto significativo na economia global, no mercado de alimentos, levando a altos índices de inflação e grandes mudanças no comércio internacional de commodities e insumos (Capizari, 2023). Praticamente todas as economias foram diretas ou indiretamente afetadas, tendo em vista a influência desses países no cenário mundial, especialmente no que diz respeito à produção e exportação para outros países.

É evidente que antes mesmo desse embate, a economia global já enfrentava um cenário extremamente desafiador, principalmente durante a crise da pandemia de coronavírus (COVID-19). Em relação específica à guerra atual e seus efeitos na economia mundial, Capizari (2023) esclarece que:

> Entre os principais problemas sentidos em termos globais em função do conflito entre Rússia e Ucrânia, está o encarecimento dos alimentos e a inflação generalizada [...]. Entre 2020 e 2021, os Bancos Centrais ao redor de todo o mundo já começavam a aumentar suas taxas de juros para frear a inflação, o que levaria a uma desaceleração global da economia. Com a guerra no território ucraniano, o mercado tentou precificar em tempo real o preço dos grãos e fertilizantes, encarecendo não só a alimentação básica, como também aumentando a inflação global, que, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), saltou de 4,4% para 9,3% em 2022. Em 2023, deve ficar em 6,8% (Capizari, 2023).

Para começar de acordo com Capizari (2023), a situação atual levou a um declínio nas perspectivas de crescimento econômico, que agora estão bem abaixo do esperado. Estimativas mostram que o crescimento global caiu drasticamente de 3,9% para 1,5% em 2022 e é espera-se um recuo ainda maior este ano, passando de 2,5% para 0,8%. Esses dados indicam que a economia mundial e o abastecimento de alimentos estão sofrendo os impactos deste conflito. Em uma primeira análise nesta guerra a fome e a distribuição de alimentos pelo mundo estão sendo usadas como uma arma sobretudo pela Rússia para poder fazer face a sanções que têm vindo a receber.

Além de afetar a economia mundial, o conflito também tem causado impacto na produção agrícola. As informações da Suno Notícias (2022), sustentam que essa guerra fez com que o preço de um dos principais insumos agrícolas disparasse, ou seja, "a tonelada do insumo usado como fertilizante, o potássio, que o mundo negociava por cerca de US$ 300 no início de 2021, está cotada hoje em US$ 1,1 mil". E a tendência é de alta, dada a incerteza sobre o fim da guerra entre Rússia e Ucrânia". A perspectiva é de que os preços continuem subindo, considerando a incerteza sobre o desfecho do conflito entre Rússia e Ucrânia, o que tem gerado preocupação tanto para os produtores quanto para os consumidores desses produtos (Suno Notícias, 2022).

De acordo com o portal Suno Notícias (2022), potássio, nitrogênio e fósforo são elementos fundamentais para a produção agrícola e seu uso é essencial no cultivo de diversos produtos como soja, milho, café, trigo, arroz, cana-de-açúcar e frutas. Nesse contexto, o aumento de seus preços certamente resultará em elevação dos valores dos produtos finais comercializados e consumidos pela população. Esse aumento de preços também afetou o mercado de *commodities*[7] onde que "o preço do barril de petróleo brent, subiu 50% no início da guerra, rompendo os US$ 120 sem arrefecer do patamar dos US$ 100 por meses em função da tensão crescente entre Rússia e Ucrânia e isso aumentando o preço da gasolina para os consumidores finais", Além do petróleo e dos fertilizantes, outros itens como energéticos também sofreram aumentos de preços, principalmente aqueles produzidos por essas nações mencionadas (Capizari, 2023).

O efeito desse conflito no setor de alimentos está relacionado à redução significativa das exportações e ao aumento dos preços dos produtos. Sob outro ângulo Conselho da União Europeia (2023), aponta que a Ucrânia é um dos principais exportadores agrícolas mundo[8]. No período de 2016 a 2021, as exportações de trigo do país para o mundo foram as seguintes: "Norte de África com 27%, África Austral com 7%, países como Tunísia com 5%, Marrocos com 5% e Egito 14%; Europa com 6% e a União Europeia 5%; para Nordeste da Ásia 14%, para Ásia Meridional 14%, para Ásia Pacífico 30%, países como Indonésia 13%, Filipinas 6%, Bangladexe 9% e outros 2%" (Conselho da União Europeia, 2023).

[7] "São produtos primários que não passam por grandes transformações tecnológicas durante sua produção. São mercadorias (como o nome diz), relativamente uniformes (com características semelhantes, apesar de produzidas em locais diferentes), que são transacionadas, compradas e vendidas, no mercado internacional. É essa uniformidade relativa o que garante a possibilidade de "livre" circulação. Seus preços são formados nas Bolsas de Valores ao redor do mundo – forja-se um preço médio que passa a ser adotado nos diferentes mercados nacionais e locais – de maneira sintética" (Santos *et al.*, 2022, p. 11).

[8] "1ª lugar no mundo na exportação de óleo de girassol com 50%, 3ª lugar na exportação de Cevada com 18%, 4ª lugar na exportação de milho com 16% e 5ª lugar na exportação com 12%" (Conselho da União Europeia, 2023).

Para efeito de comparar a produtividade do país nos anos de 2021 e 2022, os dados indicam que a produção foi maior em 2021. Em outras palavras, os agricultores plantaram quase 17 milhões de hectares em 2021, mas no ano seguinte plantaram menos de 22%, resultando em uma área não semeada de 2,8 milhões de hectares. Esses dados fornecem as informações sobre como, em poucos meses, esse cenário já afetou não apenas a produção nacional, mas também as exportações.

4.1 IMPACTOS NO SISTEMA AGROALIMENTAR DA GUINÉ-BISSAU

A Guiné-Bissau, assim como outras nações africanas, mantém um sistema alimentar fortemente baseado na importação de alimentos para suprir suas necessidades internas. Essa dependência torna-se complexa quando um país exportador reduz sua oferta, seja por motivos de protecionismo ou destruição causada por conflitos, como ocorre atualmente. De acordo com Fischer et al. (2022), ao discutir a dependência alimentar entre países, é essencial considerar a economia das nações dependentes. Em outras palavras, a habilidade de cada país de se adaptar e lidar com uma escassez de alimentos é crucial. Segundo esses mesmos autores, há países com maior capacidade econômica e outros com menor capacidade de resposta nesse cenário.

Neste aspecto, ao avaliarmos os efeitos desse conflito entre nações, podemos observar que alguns países são mais impactados do que outros, em razão de suas diferentes situações econômicas. As nações mais prósperas, apesar de dependerem fortemente das exportações ucranianas, possuem recursos e estruturas para lidar com quaisquer mudanças na cadeia de suprimentos. Por outro lado, os países com menor capacidade econômica não só enfrentam escassez de recursos e infraestrutura, mas também dependem muito das suas próprias produções internas. Dessa forma, acabam sendo os mais afetados quando sofrem cortes nas importações por parte de seus parceiros comerciais.

Para uma compreensão aprimorada desse tema, Fischer *et al.* (2022), destacou-se que países da União Europeia e da China são grandes compradores de milho ucraniano, porém possuem maior flexibilidade e não são completamente dependentes das nações envolvidas no conflito, já que contam com produções internas e também importam de outras regiões. Por outro lado, países do Oriente Médio e do Norte da África dependem quase que exclusivamente de importações para suprir suas demandas internas, como é o caso da Líbia, onde 90% do consumo de cereais é importado, tendo a Ucrânia e a Rússia como fontes importantes (Fischer et al., 2022).

Nesse contexto, ao discutirmos sobre a dependência alimentar entre os países, é possível compreender que se trata da proporção de alimentos que um país específico importa para atender à demanda de seu mercado interno, tornando-se assim dependente de outro país. Além disso, ao refletirmos sobre a questão alimentar e sua relação com diversos fatores, observamos que muitos desses alimentos importados são industrializados e ultra processados, contendo gorduras, açúcares, sais e aditivos químicos, o que pode contribuir para problemas como desnutrição, baixa qualidade de vida da população e obesidade. Diante disso, ressaltamos a importância de um Estado possuir um sistema agroalimentar saudável, capaz não apenas de promover a saúde coletiva da população, mas também de preservar o meio ambiente.

De acordo com Abbas (2023), destaca-se que os sistemas alimentares africanos são compostos por intricadas redes de diversos atores e múltiplas interconexões entre organizações nos âmbitos local, nacional, regional e global. Essa complicação dos múltiplos atores interligados não apenas afeta sua vulnerabilidade a fatores externos, mas também sua dependência da importação de alimentos.

Além disso, o próprio continente também é considerado como maior prevalência de fome segundo FAO et al., (2022), e onde que as maiorias de alimentos consumidos são importados, isto é, 80% dos alimentos consumidos no próprio continente nos últimos anos foram importados segundo (UNCTAD *apud* Abbas, 2023, p. 2).

> África é considerado o continente com a maior prevalência de fome. Uma em cada cinco pessoas no continente africano esteve em situação de fome em 2021, correspondendo a 20% da população (superior à média mundial que está entre 8.9% e 10.5%), sendo que grande parte desta população vive nas zonas rurais, tendo a agricultura como a sua principal fonte de subsistência e rendimento (FAO et al. *apud* Abbas, 2023, p. 2).

Os cada vez mais numerosos habitantes que enfrentam fome e aumento da dependência no continente despertaram o interesse para este estudo. Contudo, o foco estava principalmente centrado na situação da Guiné-Bissau, visando compreender detalhadamente como essa problemática se desenrola em seu território nacional e buscando entender as consequências desse conflito no sistema alimentar local.

Neste sentido, a Abbas (2023), *apud* Hatab (2022), em suas análises foram descritas as maneiras pelas quais o conflito entre Ucrânia e Rússia pode afetar a cadeia de suprimentos alimentares e a segurança alimentar na África, seja diretamente ou indiretamente. Esses impactos podem ser resumidos em quatro aspectos principais: em primeiro lugar, devido à interferência nos mercados de energia e nas rotas marítimas; em segundo lugar, pela questão da

disponibilidade e preço dos insumos agrícolas; terceiro, pelo aumento da inflação nos alimentos; e por último, pelas consequências negativas das sanções comerciais e medidas financeiras adotadas (Hatab, *apud* Abbas, 2023).

Para uma compreensão mais clara de como essa disputa pode afetar tanto a cadeia de suprimentos de alimentos quanto a segurança alimentar neste continente, fornecemos a seguir uma ilustração dos autores mencionados anteriormente. A Figura 1 apresenta as quatro maneiras pelas quais o conflito Ucrânia-Rússia pode impactar de forma direta ou indireta a cadeia de abastecimento de alimentos e a segurança alimentar na África, conforme descrito por Abbas e Hatab.

Fonte: Abbas (2023).

Conforme ilustrado na imagem anterior, esse conflito tem o potencial de afetar o fornecimento e a segurança alimentar no continente. Isso ocorre devido à redução das exportações de alimentos, fertilizantes e combustíveis. Como resultado, espera-se um aumento nos preços globais dos combustíveis, o que, por sua vez, impactará nos custos de transporte de alimentos e fertilizantes. Essa situação tende a diminuir a produção agrícola, resultando em um aumento nos preços dos produtos e alimentos.

Muitos países da África são, em grande parte, dependentes de suprimentos alimentares, ou seja, contam muito com as importações, tanto dentro do continente como de outros países fora dele. No entanto, devido à guerra e ao aumento de custos, esse processo se tornou ainda mais difícil. Além disso, na Guiné-Bissau, alguns dos impactos mencionados pelos autores já estavam afetando a população do país antes mesmo da guerra. Isso ocorre desde o momento

crítico da pandemia de COVID-19. No entanto, a guerra acabou agravando ainda mais essa situação.

A Guiné-Bissau é um país altamente dependente de importações internacionais para manter sua economia interna. Diante do cenário atual global, com a pandemia, a guerra entre Ucrânia e Rússia, a crise climática, entre outros desafios, torna-se extremamente complicado para um país como esse garantir seu abastecimento, priorizando a importação de arroz em vez da produção nacional. Continuando com essa análise, apresentamos um quadro preparado pelo Programa Alimentar Mundial (PAM) que revela a variação nos preços dos produtos entre maio de 2021 e maio de 2022 no mercado guineense.

Tabela 1 - Evolução do preço de produtos média nacional

Evolução do preço de produtos media nacional

Grupo alimentar	Produto	Unidade	Maio 2021	Maio 2022	Variação (%)	
Cereais	Arroz (local)	kg	418	468	12.0	▲
	Arroz (importado)	kg	480	547	14.0	▲
	Milho preto	kg	475	598	25.9	▲
	Milho bacil	kg	436	653	49.8	▲
Tuberculo	Batata doce	kg	352	565	60.5	▲
	Mandioca	kg	342	543	58.8	▲
Leguminosas	Mancara	kg	549	741	35.0	▲
	Castanha de caju	kg	2007	2966	47.8	▲
	Feijão	kg	512	930	81.6	▲
Legumes	Candja	kg	412	557	35.2	▲
	Cebola	kg	605	654	8.1	►
	Cenoura	kg	1322	1375	4.0	►
	Tomate	kg	535	659	23.2	▲
Frutos	Banana local	kg	498	599	20.3	▲
	Limão	kg	563	770	36.8	▲
Carne, peixe	Carne de vaca 1a	kg	3002	3836	27.8	▲
	Carne de vaca 2a	kg	2587	3362	30.0	▲
	Galinha de terra vivo	Unit	2955	3869	30.9	▲
	Peixe fresco (bica, barbo, linguado)	kg	1862	2253	21.0	▲
	Peixe fresco (Tainha, Bagri, Bentana)	kg	1074	1319	22.8	▲
	Peixe fresco (sardinha, djafal, bentaninhas)	kg	566	704	24.4	▲
	Peixe seco	kg	1687	2116	25.4	▲
Oleo	Oleo de palma (site)	Litre	1139	1305	14.6	▲
	Oleo vegetal importado	Litre	1138	1515	33.1	▲
Doces	Açucar	kg	503	662	31.6	▲
Produto não alimentar	Lenha	Unit	108	219	102.8	▲
	Carvão	Unit	113	113	0.0	►

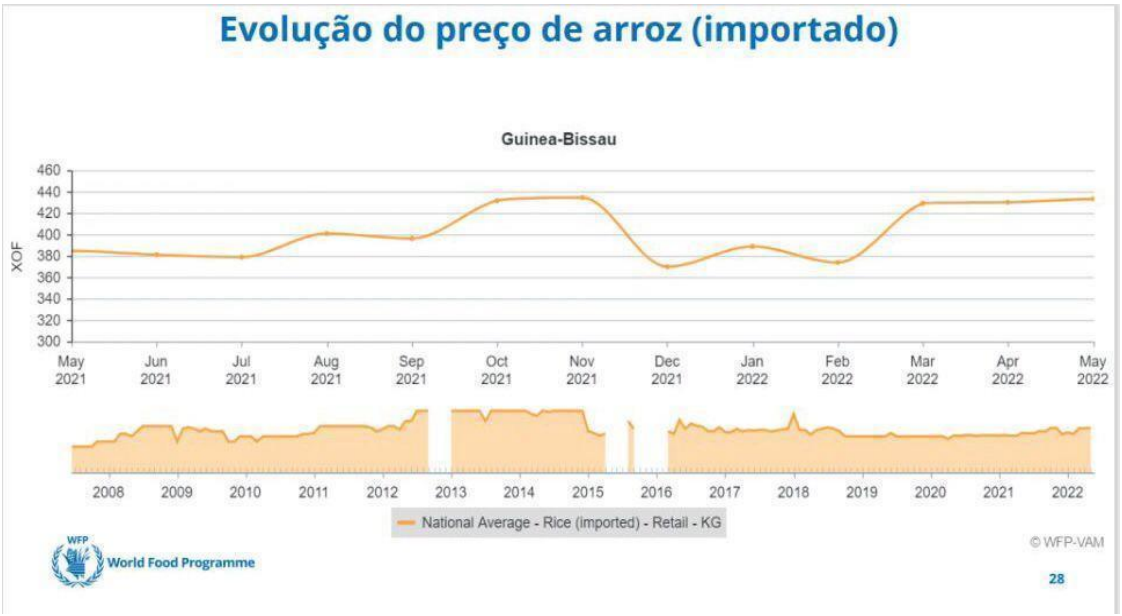
▼ Diminuição de mais de 10%
▲ Aumento de mais de 10%
► Variação menor ou igual a 10%

Fonte: Programa Alimentar Mundial (PAM, 2022).

Compreende-se que de acordo com quadro acima houve uma variação nos preços de produtos, mas só que essa variação não pode ser considerado positiva pelo momento que o país atravessa, pois houve mais variação no nível de aumento de preços de produtos que é mais de 10%, do que uma variação menor ou igual a de mesmo 10%. Além disso, também é notável que em nenhum momento o quadro apresenta uma diminuição de mais de 10%, nos preços dos

produtos, entretanto, a variação que aqui se fala está mais voltada ao aumento e a diminuição de preços menor ou igual a de 10%.

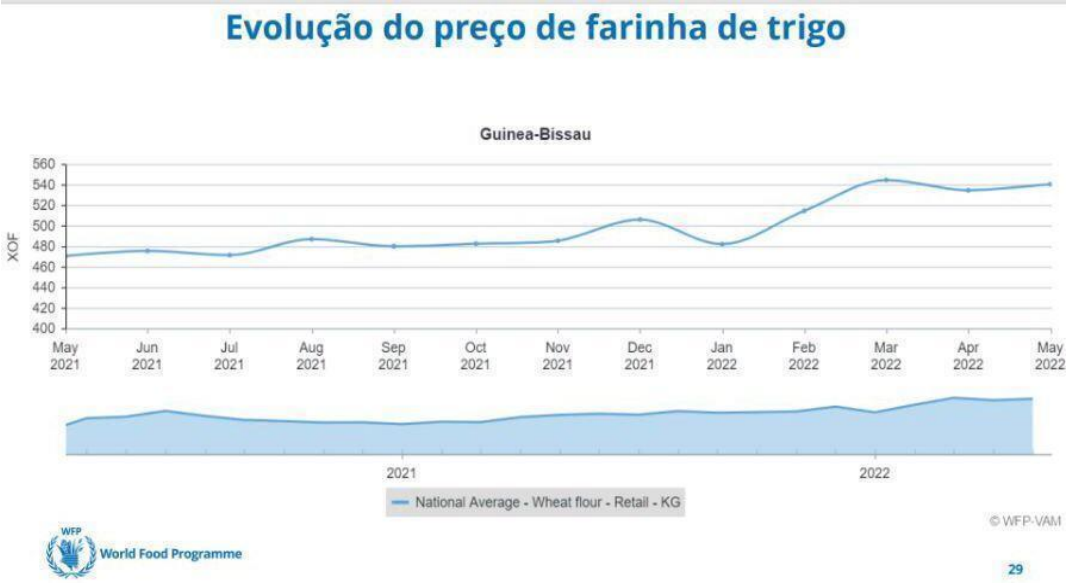
Os impactos da pandemia, da crise climática e da guerra na Europa já se fazem sentir em diversas áreas, tanto no campo quanto nas cidades. O país enfrenta e ainda vive um período de aumento nos preços da gasolina, insumos agrícolas e alimentos básicos, resultando em inflação. Tal situação tem impacto direto na vida da população guineense, tanto rural quanto urbana. Conforme dados do Programa Alimentar Mundial (PAM, 2022), os preços do arroz importado aumentaram, como mostra o gráfico a seguir.



Fonte: Programa Alimentar Mundial (PAM, 2022)

Como mencionado anteriormente, o país já vinha enfrentando um período de elevação nos preços dos produtos antes mesmo do início desta guerra. Ou seja, o aumento nos preços não está relacionado apenas aos impactos deste conflito, mas também às diversas situações pelas quais o país vem passando, como a crise política, entre outras. O gráfico acima ilustra de forma clara essa questão ao comparar os aumentos de preços do mesmo produto ao longo de um ano.

Além do aumento nos preços do arroz importado, também foram registrados aumentos nos preços de outros itens como farinha de trigo, óleo, açúcar, gasolina e diesel. Com base nisso, vamos apresentar um gráfico da PAM (2022) que exibe a evolução dos preços da farinha de trigo ao longo de um ano, compreendido entre maio de 2021 e maio de 2022.



Fonte: Programa Alimentar Mundial (PAM, 2022).

Por outro lado, o Instituto Nacional de Estatística (INE) também apresenta alguns dados mais recentes de 2023 mostram que:

> O Índice Nacional Harmonizado de Preços no Consumidor (INHPC)[9] do mês de fevereiro de 2023 teve uma variação positiva de (0,7%) em relação ao mês de janeiro de 2023. Esta variação deve-se principalmente ao aumento dos preços das funções, "Produtos alimentares, e bebidas não alcoólicas", "Bebidas Alcoólicas, Tabaco e Estupefacientes", "Habitação, água, Eletricidade e outro combustível", e "serviço de saúde". A variação anual ou homóloga de preços ao consumidor aumentou em 10,3%, superior ao indicador de convergência, no âmbito da União (INE, 2023, p. 5).

A função dos "produtos alimentares, e bebidas não alcoólicas" a variação mensal nessa área foi positiva de 1,3%, e isso, deve-se principalmente, com aumento de preços dos produtos alimentares como: pão e cereais 1,7%, peixe (2,1%), carne de porco (6,4%), carne de cabra (0,7%), Galinha viva (1,8%), e justifica-se que esse aumento de preços dos produtos alimentares, e bebidas não alcoólicas é pelo aumento de preços dos cereais não transformados (1,9%), além disso, outros produtos como os de mar e de rios teve (7,8%), peixe e outros produtos fumados ou secos (2,8%), ovos (4,3%), Manteigas (4,5%), citrinos (11,6%), frutas frescas (4,3%), frutas secas de castanha (3,7%), e legumes secos e oleaginosas (18,4%). Como os dados bem ilustram essa subida de preços de produtos alimentares no país, podem ser

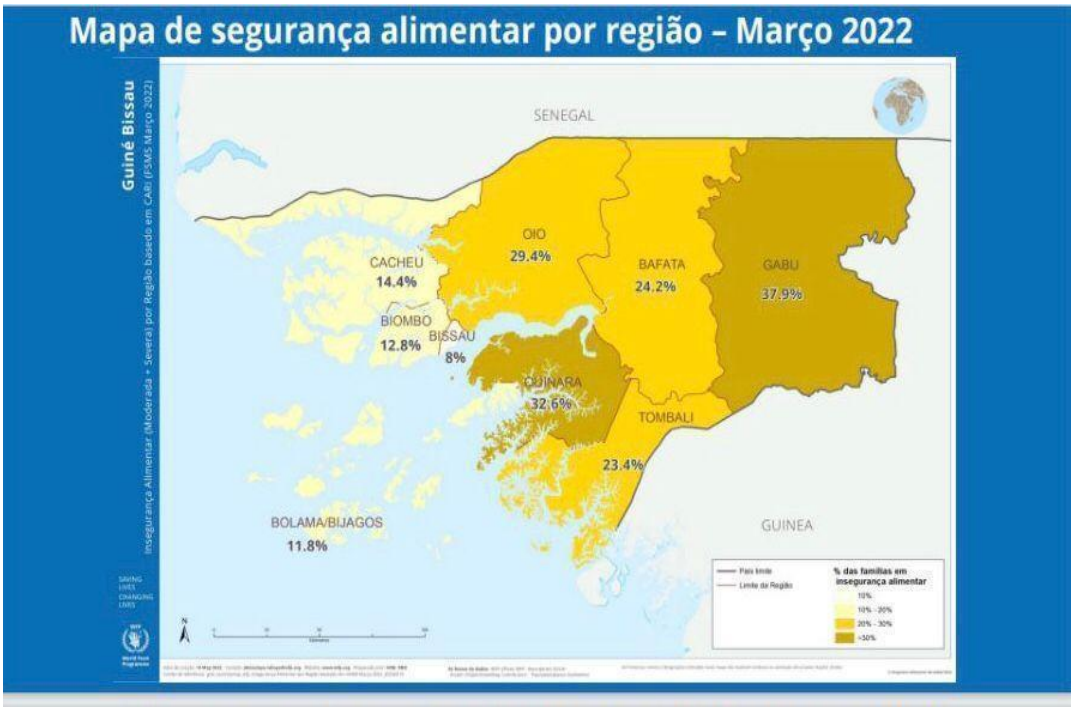
[9] O INHPC é harmonizado com os outros países da União Econômica e Monetária do Oeste Africano (UEMOA). Na Guiné-Bissau o atual Índice é calculado em quatro grandes cidades do país, a saber: Bissau, Gabu, Bafatá e Cacheu/Canchungo. O cabaz de compra abarca 655 produtos e mais de 1200 pontos de venda. Os ponderadores do índice provêm do inquérito as despesas e orçamento da família (INE, 2024). Ver mais em: https://www.stat-guinebissau.com/Menu_principal/Pubica%C3%A7%C3%B5es/IHPC/2024/INHPC_Maio_2024.pdf

compreendidas como algo que deriva da guerra da Ucrânia e como impactou a vida das populações (INE, 2023, p. 5).

Os aumentos de preços nos produtos alimentares e crescentes números de pessoas que vivem na zona de insegurança alimentar no mundo assim como no país são bastantes preocupantes, principalmente nesses últimos anos. Na Guiné-Bissau, assim como em outros países a disseminação e a forma como a insegurança alimentar afeta suas populações entre os que vivem nos centros urbanos das cidades e os que vivem nas zonas rurais, vem chamando atenção e percebe-se que o cenário é completamente diferente[10]. Outros dados da PAM (2022), também mostram que as famílias que são mais afetados pela insegurança alimentar são as que vivem em nas zonas rurais com uma proporção de 17,8% em comparação com 4,2% nas zonas urbanas, além disso, outras questões como nível de escolaridade também contam nesse aspecto.

Fazemos questão de trazer nível de escolaridade como uma das variáveis nessa comparação porque segundo os dados da PAM (2022), "a insegurança alimentar é de 11.3% nas famílias chefiadas por pessoas que interromperam o ciclo primário, 5.8% no ciclo secundário e 1,7% no ciclo superior". Outras questões como "famílias com crianças menores de 5 anos, com mulheres grávidas ou amamentando, famílias grandes também são as mais vulneráveis à insegurança alimentar" (PAM, 2022, p. 22). E em seguida está uma demonstração da segurança alimentar no país de acordo com cada uma das suas regiões e mais sector autônomo Bissau, segundo PAM (2022).

[10] Na Guiné-Bissau, entre março de 2021 e março de 2022, a situação de segurança alimentar deteriorou-se de 14% para 20,8%. A maioria das regiões foram afetadas principalmente as de Gabu, Quínara e Oio com porcentagens de 29 a 38% o 55% das famílias não têm a capacidade económica necessária para satisfazer as suas necessidades alimentares e económicas essenciais. A situação de segurança alimentar será mutável de uma maneira ou de outra devido à crise ucraniana, a campanha de caju. Apenas 4,1% das crianças com menos de 2 anos têm uma dieta aceitável. Além disso, apenas 31,7% das mulheres entre os 15 e os 49 anos têm uma dieta adequada" (PAM, 2022, p. 34).



Fonte: Programa Alimentar Mundial (PAM, 2022)

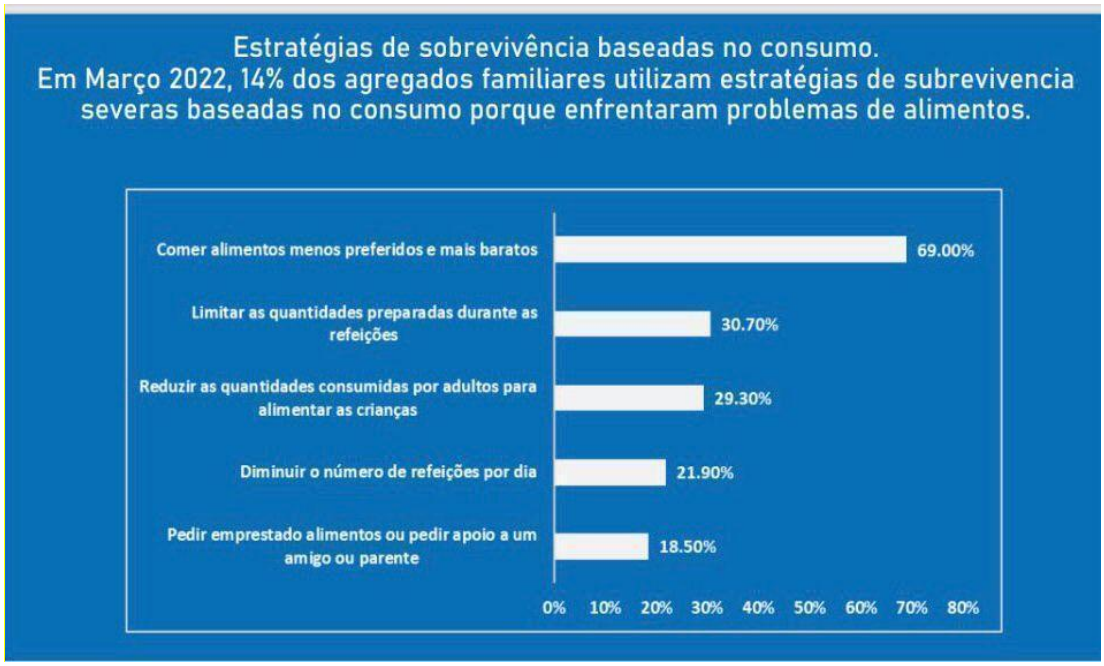
Só que dentro desse mapa de segurança alimentar também espelha-se números de percentagens de insegurança alimentar de acordo com cada região. Compreende-se que de acordo com mapa que as regiões que estão na cor pintada de branco representam uma margem de 10% de famílias que vivem na insegurança alimentar, já os que estão pintadas de creme representam 10% a 20%, e os que estão pintadas de Açafrão correspondem 20% a 30% e os que estão em dourado representam um número de 30% das pessoas que vivem em situação de insegurança alimentar.

5 MUDANÇAS RECENTES NOS HÁBITOS ALIMENTARES DA GUINÉ-BISSAU

Nesta seção, mostramos como os hábitos alimentares dos habitantes da Guiné-Bissau passaram por transformações, e como a escassez e o aumento nos preços dos alimentos no mercado interno do país, causado pelas mudanças climáticas, pelo conflito entre Ucrânia e Rússia e pela crise política, estão forçando as comunidades locais a adotarem novas estratégias de sobrevivência.

De acordo com um estudo conduzido pelo Programa Alimentar Mundial em 2022 em março de 2022, 14% das famílias guineenses passaram a adotar estratégias de sobrevivência

centradas no consumo como forma de lidar com os problemas relacionados à comida. O quadro abaixo apresenta essas estratégias com base nos dados levantados.



Fonte: Programa Alimentar Mundial (PAM, 2022).

O gráfico acima ilustra os desafios enfrentados pelas famílias guineenses em relação à comida desde o início da guerra, e como esse conflito também impactou a mudança de seus hábitos alimentares e a adoção de novas estratégias para combater a fome. Nesse contexto, observa-se que 69% das famílias guineenses passaram a consumir alimentos menos preferidos e mais baratos com o intuito de evitar a falta de comida. É relevante destacar que essa prática adotada pelas famílias possui consequências para saúde, e vale ressaltar que tal estratégia não é algo recente – muitas famílias já a utilizavam antes mesmo do período de pandemia e guerra. Além disso, destaca-se a estratégia de reduzir a alimentação dos adultos para garantir mais comida para as crianças, assim como diminuir o número de refeições por dia visando ter recursos para cozinhar no dia seguinte.

É fundamental ressaltar que, além dos elementos mencionados anteriormente (conflitos armados, mudanças climáticas e crise política), a conjuntura econômica nacional, aliada ao alto índice de desemprego, também tem impactado na necessidade de adotar novas estratégias de sobrevivência por parte das famílias. O gráfico apresentado evidencia o aumento significativo no número de famílias que recorrem a empréstimos de alimentos ou pedem auxílio a parentes e amigos para garantir o sustento. Essa prática é comum entre os guineenses e reflete a constante

instabilidade política vivenciada pela população e as táticas utilizadas pelos familiares para garantir a comida em casa.

Para termos uma ideia mais clara sobre a mudança dos hábitos alimentares na população da Guiné-Bissau se apresenta aqui alguns resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas com chefes de família e agricultores/feirantes e com funcionários públicos relacionados ao tema e, por fim, compartilhar nossas reflexões sobre os dados recolhidos. A seguir, apresentamos as perguntas voltadas para chefes de família e agricultores/feirantes: como é essa guerra afeta a disponibilidade de alimentos em sua casa? Como essa guerra mudou os seus hábitos alimentares? Como é que a guerra da Ucrânia-Rússia influenciou o seu poder de compra?

De maneira geral, nas respostas das entrevistas obtidas com chefes de família e /ou agricultores familiares pode-se perceber que a guerra impactou significativamente a disponibilidade de alimentos, afetando, em particular, seu poder aquisitivo.

> Essa guerra de Ucrânia impactou a disponibilidade de alimentos na minha casa e a nível nacional, ou seja, estamos vivenciando numa situação muito difícil, pois maioria das cereais que consumimos no país vem dos dois países em guerra, e essa guerra fez com que os produtos subiram no mercado, por exemplo, cereal infantil da Nestlé que custava 2.500 Franco CFA agora custa 3.500 Franco CFA, arroz de 50 quilogramas que antes o preço varia entre 16. 000 e 17. 000 Franco CFA, agora custa 24. 000 Franco CFA, e de 25 quilogramas que custava 8.000 ou 9.000 Franco CFA agora custa 12. 000 Franco CFA, e isso, fez com as minhas despesas aumentaram e nível de vida está mais alto (Entrevistado A2, dia, 01 de outubro de 2024).

> Devido a esta crise, claro, os poderes de compra de muitas famílias deixaram de ser as mesmas, isto quer dizer, perdeu-se o poder compra devido ao aumento de preços de quase todos os produtos da primeira necessidade (Entrevistado A3; dia, 05 de outubro de 2024).

Os produtos de primeira necessidade passaram a ter aumentos consideráveis em seus preços. Por exemplo, o custo do arroz aumentou drasticamente; um saco de 50 quilogramas, que anteriormente era vendido entre 16.000 e 17.000 Franco CFA, agora custa 24.000 Franco CFA. Já o saco de 25 quilogramas, que antes custava entre 8.000 e 9.000 Franco CFA, agora está a 12.000 Franco CFA. Além disso, o cereal infantil da Nestlé, que tinha um preço de 2.500 Franco CFA, agora vale 3.500 Franco CFA. No total, esses aumentos nos preços dos produtos resultaram em despesas maiores para as famílias, comprometendo ainda mais seu poder de compra, o que forçou muitos a substituir certos produtos por outros ou a buscar alternativas para a sobrevivência.

De outro ponto de vista, é possível observar como essa guerra levou muitas famílias guineenses a alterarem seus hábitos alimentares. Analisando as respostas, ficou claro que muitas delas precisaram substituir ou alterar certos produtos ou ingredientes consumidos nas refeições

diárias. Por exemplo, várias pessoas deixaram de lado o pão e ovo no café da manhã semanal, optando por refeições com inhame e batatas nos outros dias. Quanto ao almoço, algumas famílias diminuíram a quantidade de arroz cozido para garantir que tenham o que comer por mais dias, enquanto outras reduziram a porção destinada aos adultos para que as crianças fiquem mais satisfeitas. Portanto, é evidente que o país enfrenta atualmente uma situação bastante adversa, onde a vida se torna cada vez mais difícil em função da alta taxa de desemprego e dos salários extremamente baixos; o salário mínimo, por exemplo, é de 50.000 Francos CFA.

> Sim, mudou meus hábitos de alimentação! Por que o meu pequeno almoço era chá com pão, isto é diariamente, mas com esta guerra de Rússia-Ucrânia mudou tudo passou a ser duas vezes por mês que tenho acesso a chá com pão por causa de falta e aumento no preço de farinha no mercado devido a conflito de Rússia e Ucrânia (Entrevistada A6, dia, 10 de outubro de 2024).

> Essa guerra afeta a disponibilidade de alimentos na minha casa, por uma razão. Antes dessa guerra Rússia e Ucrânia os meus familiares têm acesso a pequeno almoço e jantar cada uma pessoa diariamente, mas com esta guerra de Rússia- Ucrânia mudou forma de vida cortou pequeno almoço por mais velhos e ficou por más novos da casa quer dizer (crianças) mudou também quilogramas de jantar, antes 8 kg por 25 pessoas por dia diminuiu para 4 kg por dia (Entrevistada A1, dia, 01 de outubro de 2024).

Quanto às questões direcionadas aos funcionários públicos do governo seguem as seguintes: como é que a crise ocasionada pela essa guerra afetou a relação entre campo e cidade? Quais são desafios enfrentados pelos pequenos agricultores em relação a compra de insumos agrícolas e na venda de seus produtos? O que Estado guineense tem feito para ajudar os pequenos agricultores e as populações em geral?

O resultado da análise das entrevistas feitas com funcionários públicos do governo nos auxilia a observar que segundo os entrevistados em decorrência da guerra, muitos agricultores tiveram que lidar com sérios obstáculos, desde a aquisição de insumos agrícolas para suas hortas até o momento da comercialização desses produtos. A guerra resultou numa escassez relativa de insumos e provocou um aumento nos preços dos itens necessários para o cultivo, como adubos, por exemplo. Isso levou muitos agricultores a elevarem os preços de seus legumes nas feiras, gerando reclamações recorrentes por parte dos clientes devido a essa alta. Além disso, ao longo desse período, os entrevistados relataram que o governo guineense não tem oferecido qualquer tipo de apoio aos pequenos agricultores e à população em geral. A luta pelo poder entre governantes e políticos tem dificultado significativamente o tão desejado suporte aos agricultores.

> Essa guerra afetou a minha produção na hortaliça, porque aumentou os preços dos produtos que utilizamos durante lavoura como adubo, por exemplo, e isso fez com que tenho que aumentar o preço dos legumes na feira e muitas das vezes clientes reclamam desse aumento dos preços (Entrevistada C1, dia, 15 de outubro de 2024).

> Enfrentei muitos desafios desde processo de lavoura até no momento da venda dos produtos (Entrevistada C1, dia, 15 de outubro de 2024).

> O estado guineense não tem feito nada para ajudar os pequenos agricultores e a população em geral. A luta pela posse do poder por parte dos governantes e políticos em geral tem obstaculizado bastante o tão almejado apoio aos agricultores (Entrevistado C3, dia, 18 de outubro de 2024).

De modo geral, pode-se concluir que, além desse conflito armado, há outros elementos que têm impactado a crise alimentar no país, especialmente as questões políticas. É amplamente reconhecido que o país atravessa uma crise política prolongada, intensificada nos últimos anos por problemas que envolvem um grupo minoritário e que ameaçam a segurança da maioria. A partir das respostas analisadas, fica evidente a necessidade urgente do Estado guineense implementar políticas públicas eficazes para superar essas dificuldades e promover melhorias na qualidade de vida de seus cidadãos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caso específico da Guiné-Bissau, é evidente que a guerra prejudicou seriamente a disponibilidade de alimentos em muitas residências, uma vez que o país depende da importação de diversos produtos. Isso resultou em uma elevação nos preços de itens essenciais, comprometendo o poder de compra de muitas famílias e obrigando-as a buscar novas formas de sobrevivência.

Adicionalmente, o estudo destaca a grave deterioração da segurança alimentar na Guiné-Bissau, com ênfase nas regiões de Gabu, Quínara e Oio, que são as mais impactadas. Nesses locais, um número significativo de famílias enfrenta dificuldades econômicas que as impedem de atender às suas necessidades alimentares e econômicas básicas.

É importante destacar que, além do conflito entre as duas nações, existem outros fatores que também desempenham um papel significativo nas alterações nos hábitos alimentares e nos comportamentos relacionados à alimentação dentro das famílias. Nesse contexto, é essencial mencionar a crise política que aflige o país, o elevado índice de desemprego e um salário mínimo que é insuficiente, pois essas variáveis têm exercido um impacto considerável na vida

da população guineense e contribuído para a alta taxa de insegurança alimentar e as carências enfrentadas pelas famílias.

A atual situação no país também tem desempenhado um papel significativo na crise alimentar. A análise das respostas revela que a disponibilidade de alimentos para muitas famílias foi comprometida, levando algumas delas a precisar reduzir certas despesas para atender a outras necessidades. Ademais, é notável o aumento acentuado nos preços de itens essenciais, como arroz, óleo de cozinha, legumes, frutas e carnes. Por outro lado, observa-se que, ao longo desse período, o governo guineense não tem tomado medidas para apoiar os trabalhadores do setor agrícola, as famílias e comerciantes.

Em conclusão, o estudo destaca a importância de ressaltar todas as questões abordadas até agora, a fim de contribuir para a compreensão das dificuldades enfrentadas pela população guineense neste momento. É fundamental que o Estado guineense adote não apenas medidas adequadas a essa situação, mas também que se dedique a elaborar políticas públicas que não apenas combatam a dependência de importações, mas que também enfrentem o desemprego e ofereçam suporte a seus profissionais.

REFERÊNCIAS

ABBAS, Máriam. O impacto do conflito Rússia Ucrânia nos sistemas alimentares em Moçambique. Observatório do meio rural. Destaque Rural Nº 218. 20 de março de 2023.

B.O.B BARS OVER BOTTLES. Insegurança alimentar: o que é, quais as causas e como fazer sua parte. Disponível em: **Insegurança alimentar. | B.O.B (usebob.com.br).** Acesso em: 24 junho 2023.

BANCO AFRICANO DE DESENVOLVIMENTO. Perspectivas Económicas Africanas 2022: a recuperação económica da África de 2021 foi impactada pela persistente pandemia de Covid-19 e pela guerra Rússia-Ucrânia. Disponível em: https://www.afdb.org/pt/noticias-e-eventos/comunicados-de-imprensa/perspetivas-economicas-africanas-2022-recuperacao-economica-da-africa-de-2021-foi-impactada-pela-persistente-pandemia-de-covid-19-e-pela-guerra-russia-ucrania-51867 Acesso em: 25 ago. 2023.

BONFIM, Uraci Castro. Geopolítica. Curso de política, estratégia e alta administração do exército ensino a distância CPEAEX/ EAD. Escola de comando e estado-maior do exército. 2005.

CASTRO, Josué. Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CAPIRAZI, Beatriz. Um ano de guerra na Ucrânia: como o conflito deixou a economia global fragilizada, com perdas de até US$2,8 trilhões. Disponível em:

https://www.suno.com.br/noticias/noticias-guerra-ucrania-ano-inflacao-economia-fragil/ Acesso em: 22 de agosto de 2023.

CONSELHO EUROPEU CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. Sanções da UE contra a Rússia explicadas. Disponível em: https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/sanctions/restrictive-measures-against-russia-over-ukraine/sanctions-against-russia-explained/ Acesso em: 20 de agosto de 2023.

CONSELHO EUROPEU CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. Infografia – Como a invasão da Ucrânia pela Rússia agravou a crise alimentar mundial. Disponível em: https://www.consilium.europa.eu/pt/infographics/how-the-russian-invasion-of-ukraine-has-further-aggravated-the-global-food-crisis/ Disponível em: 20 de agosto de 2023.

CONSELHO EUROPEU CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. Sanções da UE contra a Rússia explicadas. Disponível em: https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/sanctions/restrictive-measures-against-russia-over-ukraine/sanctions-against-russia-explained/ Acesso em: 20 de agosto de 2023.

DW Brasil. Guerra na Ucrânia ameaça gerar crise alimentar global. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gm9dNBgureU Acesso em: 03 de junho de 2023.

FAXCOMEX. Saiba mais a respeito das sanções à Rússia. Disponível em: https://www.fazcomex.com.br/comex/sancoes-a-russia/ Acesso em: 20 de agosto de 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. LEI Nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Brasília, 24 de julho de 2006; 185º da Independência e 118º da República. Disponível em: DECRETO Nº 3 Acesso em: 30 de outubro de 2024.

FISCHER, Breno; LIMA, Bianca; FERNANDES, Cássia; COMEÇANHA, Lucas; ROCHA, Lucas; BRANCO, Luís Gustavo; ZOMIGNAN, Luiza; TEIXEIRA, Tamires; BARBANTI, Olympio Jr. Quais as consequências da guerra na Ucrânia para a alimentação no mundo? Disponível em: https://opeb.org/2022/04/19/quais-as-consequencias-da-guerra-na-ucrania-para-a-alimentacao-no-mundo/ Acesso em: 13 de setembro de 2023.

FIGUEIRA, Ariane Roder; RUSSO, Eduardo. O risco político da guerra da Ucrânia para o mercado global de combustíveis: o caso da British Petroleum na Rússia. Estudos de casos & ensino. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) / Instituto COPPEAD de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

GLOSSÁRIO SAÚDE BRASIL. Insegurança Alimentar e Nutricional. Disponível em: **Insegurança Alimentar e Nutricional — Ministério da Saúde (www.gov.br).** Acesso em: 24 junho 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Índice Nacional Harmonizado de Preços no Consumidor. Av. Amílcar Cabral, n˚ 13, Caixa Postal 06 Bissau. Fevereiro de 2023.

JOAQUIM JÚNIOR, Carlos Zacarias. ZULIANI, Daniela Queiroz. DJÚ, Domingos. CARDOSO, Edson Lopes. SILVA, Fred Denílson Barbosa da. BARBOSA, João Inácio. SANÓ, Lamine. COSTA, Nancy da. N'BALI, Nelito Nhanca. Produção de arroz sob

diferentes cultivos étnicos na Guiné-Bissau**. IN. agroecologia: métodos e técnicas para uma agricultura sustentável - volume 5.**

LIMA, Thiago; COSTANTINO, Agostina; THOMAZ, Laís Forti; ROCHA, Raquel Maria de Almeida. APRESENTAÇÃO. Alimentação, segurança humana e relações internacionais: relações de humanidade? **IN. Segurança alimentar e relações internacionais** / Organização: Thiago Lima. - João Pessoa: Editora UFPB, 2019. P. 180.

SUNO NOTÍCIAS. Fertilizante custa três vezes mais após a Guerra na Ucrânia. Disponível em: https://www.suno.com.br/noticias/fertilizante-custa-tres-vezes-mais-guerra-ucrania/ Acesso em: 22 de agosto de 2023.

MACCARI, Michele; NAKAI, Junko; ALONSO, Juan-Ernesto O. S. DUMBIA, Elisabete; LOPES, Moisés. Perfil de sistemas alimentares - Guiné-Bissau Catalisando a transformação sustentável e inclusiva dos sistemas alimentares. FAO, União Europeia e CIRAD. Roma, Bruxelas e Montpellier, França, Novembro de 2022.

MANÉ, Binto. OS dilemas da consolidação de segurança alimentar e nutricional nas zonas rurais da Guiné-Bissau: o papel do PMA no fortalecimento da segurança alimentar das populações rurais, especialmente das mulheres. Artigo (graduação) instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2021.

MONERATO, Leandro Renato; SILVA, Leopoldo Fernandes da; GOMES, Newton Narciso Gomes Júnior. Geopolítica da fome: a armadilha das commodities (1970 a 2021). Retratos de Assentamentos. 136 v.26, n.1, 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇOES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA NO BRASIL. SOFI 2021: Relatório da ONU destaca impactos da pandemia no aumento da fome no mundo. Disponível em: https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1415747/ **.** Acesso em: 24 junho 2023a.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. O impacto global da guerra na Ucrânia. Centro regional de informação para Europa Ocidental. 2023. Disponível em: O impacto global da guerra na Ucrânia - Nações Unidas - ONU Portugal (unric.org) Acesso em: 25 de junho de 2023b.

PENHA, Eli Alves. Geopolítica das Relações Internacionais. *In*: **História das Relações Internacionais: teoria e processos /** Organizadores, Mônica Leite Lessa, Williams da Silva Gonçalves. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

PÉREZ, Daniel Vidal. Prenúncio de futuros conflitos alimentares no século XXI: A invasão da Ucrânia pela Rússia. Universidade Federal Fluminense, Campus do Gragoata Niterói. 2022.

PROGRAMA ALIMENTAR MUNDIAL. Monitorar a segurança alimentar e nutricional para melhorar o estado nutricional da população da Guiné-Bissau (SISSAN, Kume Dritu). Situação da segurança alimentar e nutricional no país de novembro de 2021 a maio de 2022 Bissau – 18 Maio 2022.

SANTY, Amílcar Rodrigues Afonso. Panorama das políticas públicas de segurança alimentar na Guiné-Bissau – o acesso à alimentação, um direito de todos. Porto Alegre, BR-RS 2021**.**

SANTOS, Aline Braz dos; GONÇALVES, Bruna Figueiredo; GOMES, Carla Morsch Porto. VAZ, Diana Souza Santos; BENNEMANN, Rose Mari. Comportamento alimentar e hábito alimentar: uma revisão. Vol.20,n.1,pp.108-112 (Out- Dez 2014). Revista UNINGÁ Review. Rua Doutor Oswaldo Cruz, 1100,Apto. 502, Edifício De Ville, Centro, Apucarana, Paraná, Brasil.

SCHNEIDER, Sergio; SCHUBERT, Maycon; ESCHER, Fabiano. Regimes agroalimentares e o lugar da agricultura familiar – uma apresentação ao debate. Revista Mundi Meio Ambiente e Agrárias. Curitiba, PR, v.1, n.1, 3, jan./jun, 2016.

VICENTE, Jessica Siviero; BARROS JUNIOR, Orlando Aleixo; LEITE, Sergio Pereira; WESZ JUNIOR, Valdemar João. Financeirização da agricultura e da terra no Brasil: dinâmicas em curso e disputas em jogo. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Heirich Böll, 2022.

WORLD FOOD SUMMIT. Declaração de Roma Sobre a Segurança Alimentar Mundial e Plano de Ação da Cimeira Mundial da Alimentação. 13-17 novembro. 1996. Roma, Itália.

ZIEGLER, Jean. Destruição em massa: geopolítica da fome. São Paulo: Cortez editora. 2012.